

## **A LÓGICA MATERIAL E SIMBÓLICA NA AGRICULTURA FAMILIAR: IDIOSINCRASIAS DE ASSENTAMENTOS CEARENSES**

Francisco Uribam Xavier de Holanda\*

O artigo aborda o processo de desenvolvimento da agricultura familiar em alguns assentamentos cearenses, tendo como pano de fundo a dimensão cultural. O objetivo é demonstrar como, a partir de um processo de observação empírica, pode-se ter um entendimento da lógica material e simbólica do sistema econômico vivido pelos assentados, e como se podem apontar algumas reflexões para o desenvolvimento sustentável.

PALAVRAS-CHAVE: Assentamento; Lógica Material e Simbólica; Cultura; e Desenvolvimento Sustentável.

## **THE MATERIAL AND SYMBOLIC LOGIC OF FAMILY-BASED AGRICULTURE : IDIOSYNCRASIES OF RURAL SETTLEMENTS IN THE STATE OF CEARA**

The article approaches the development process of family-based agriculture as practiced in some rural settlements in the State of Ceara having as its background a cultural dimension. The goal is to demonstrate, from a process of empirical observation, how one can assess the material and symbolic reasoning supporting an economic system experienced by settlers and, on a second approach, advances some reflections about sustainable development.

Keywords: Settlement; Material and Symbolic Logic; Culture and Sustainable Development.

## **LA LÓGICA MATERIAL Y SIMBÓLICA EM LA AGRICULTURA FAMILIAR: IDIOSINCRASIA DE ASENTAMIENTOS CEARENSES**

El artículo aborda el proceso de desarrollo de la agricultura familiar practicado em algunos asentamientos cearenses y tiene como escenario la dimensión cultural. El objetivo es demostrar como, a partir de um proceso de observación empírica, podemos tener un entendimiento de la lógica material y simbólica del sistema económico vivenciado por los asentados y como podemos señalar algunas reflexiones para el desarrollo sostenible.

Palabras Clave: Asentamiento; Lógica Material y Simbólica; Cultura y Desarrollo Sostenible.

## **LA LOGIQUE MATÉRIELLE ET SYMBOLIQUE DANS L'AGRICULTURE FAMILIALE: IDIOSYNCRASIES D'ASSENTAMENTOS DANS LE CEARÁ**

L'aticle porte sur le processus de développement de l'agriculture familiale pratiqué dans quelques assentamentos de l'État du Ceará, ayant en toile de fond la dimension culturelle. Le but est de montrer comment, à partir d'un processus d'observation empirique, nous pouvons avoir une compréhension de

---

\* Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC). Endereço eletrônico: uribam@ufc.br.

la logique matérielle et symbolique du système économique vécu par les assentados, et comment nous pouvons indiquer quelques réflexions pour le développement durable.

MOTS-CLÉS: Assentamento ; Logique Matérielle et Symbolique ; Culture et Développement Durable.

## 1 INTRODUÇÃO

As teorias que trataram da questão agrária, tanto na vertente socialista como na liberal, abordaram a economia camponesa associando-a ao atraso, como um resíduo a ser removido pelo progresso. O capitalismo desenvolveu-se, passou pela fase industrial, chegou à fase de globalização financeira, mas o camponês não se transformou totalmente em assalariado, nem toda a produção camponesa se mecanizou. A agricultura familiar existe e se constitui, especificamente agora, num campo de estudo fecundo.

O objetivo aqui é demonstrar, a partir de um processo de observação empírica, como se pode ter um entendimento da lógica material e simbólica<sup>1</sup> do sistema econômico praticado por famílias em alguns assentamentos rurais no Ceará e, com base neste entendimento, apontar caminhos para ações de desenvolvimento sustentável.

Para entender o ciclo do desenvolvimento na agricultura familiar é preciso interrogar o que significa para as famílias camponesas a reprodução de determinadas práticas. Um pesquisador deve ter, portanto, antes de tudo, consciência das categorias de análise que utiliza e das categorias utilizadas por aqueles que ele tenta compreender. Assim, a violência semiológica que se impõe deve ser rompida para que os significados de qualquer ação social possam ser compreendidos. É com esta atitude que se pode ter acesso ao conhecimento do que seja um assentamento como unidade econômica de base familiar.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este artigo é resultado de uma pesquisa estruturada a partir do interesse do autor pelo tema e não foi financiada por nenhuma agência de fomento. Por meio de contatos com técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), o autor conseguiu visitar 12 assentamentos em dez municípios do estado do Ceará (citados na nota de rodapé número 6). Os critérios de escolha dos assentamentos foram três: *i*) terem mais de dez anos de implantação; *ii*) terem recebido financiamento do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF); e *iii*) estarem localizados em diferentes regiões do estado.

A metodologia utilizada para dar suporte ao processo de observação empírica foi composta de um conjunto de técnicas e ações participantes. O primeiro contato

---

1. Material porque voltada para a manutenção do consumo doméstico e do patrimônio familiar. Simbólica porque afirma uma concepção de mundo, do que é possível fazer, como e por que fazer. Ou seja, os assentados são criadores de significados e agentes morais.

foi realizado quando, aproveitando a visita dos técnicos do Incra aos assentamentos, o autor passou, naquele momento, a ser apresentado aos assentados. Nesta ocasião, aplicava a técnica de grupos focais com o objetivo de colher informações sobre os principais problemas vivenciados quanto à vida familiar, educação, saúde, produção e organização. O número de informantes era em média de 18 pessoas: eram convidados os jovens, as mulheres e as lideranças comunitárias. A partir dos grupos focais, foi possível construir um quadro com os problemas comuns experimentados nos assentamentos.

Além da técnica de grupos focais, o autor ministrou, num segundo contato, um curso sobre associativismo, no qual, além da troca de saberes, foram realizadas entrevistas e uma dinâmica de grupo conhecida como *dinâmica do dinheiro*, cujo objetivo era obter informações sobre as relações de gênero a partir da definição de interesses estimulados pela oportunidade de gastos reais. Outro componente da pesquisa foi a participação em reuniões, nas quais, além das pautas e encaminhamentos, o autor observou os interesses em jogo, avaliando o comportamento das lideranças, dos técnicos estatais e dos escritórios de assessoria e elaboração de projetos.

### 3 O SIGNIFICADO DE SER ASSENTADO NO SEMIÁRIDO

No Ceará, os assentamentos rurais são compostos de indivíduos organizados em unidades familiares que incorporam uma dupla dimensão econômica: de produtores e consumidores. A ação produtiva destina-se, principalmente, à subsistência e, parcialmente, ao mercado local ou troca, de onde os assentados adquirem os produtos de consumo por eles não produzidos (açúcar, café, óleo, sal, roupa, remédios, arroz, fósforo, fumo etc.). A produção, desenvolvida de forma mais individual que coletiva, combina a prática da agricultura (produção de milho, feijão e mandioca), da pecuária (criação de gado bovino, caprinos e galinhas) e da pesca, e tem seu universo de troca e circulação restrito, na maioria das vezes, ao âmbito da comunidade, por meio dos laços comerciais com atravessadores, bodegueiros, compadres e pessoas que prestam favores à comunidade.

Serem cadastradas e incluídas como assentadas num projeto de reforma agrária representa uma mudança de vida para muitas famílias que nunca tiveram nada, que sempre foram manipuladas politicamente e espoliadas pelos patrões. Significa ter acesso a terra, a casa para morar, a crédito, a capacitação técnica, não ser sujeitada a um patrão; enfim, significa segurança e início da conquista da liberdade. Apesar das dificuldades e dos limites a serem enfrentados dentro do assentamento, ser assentado significa ter uma melhoria nas condições de vida. Esta constatação tem afinidade com o depoimento dado por alguns assentados:<sup>2</sup>

---

2. A entrevista com os assentados aconteceu por ocasião da realização de curso sobre associativismo no assentamento Lagoa do Serrote e no assentamento Terra Nova.

Antes de vir para cá (assentamento), meu marido cuidava do gado do patrão na sorte, de cada cinco/ [ficava com] uma. No assentamento o regime é coletivo e individual. Tem casa de tijolo e o que produzimos é nosso e não somos sujeitos ao patrão. Para melhorar tá precisando de organização (Maria Helena, 46. Lagoa do Serrote, município de Santana do Acaraú).

Antes eu trabalhava como rendeiro. Lá o patrão queria três/uma. Tudo era por conta da gente. Quando a gente terminava a safra, o que a gente produzisse e terminasse de pagar todas as despesas, a gente ficava com nada. No assentamento a gente faz sua terra, você produz, tem recurso que a gente só paga a metade. Tudo que você produz é seu. Vir para o assentamento foi excelente. Eu não tinha casa para morar, morava com o patrão. Eu não tinha terra para me beneficiar com minhas próprias forças, ter minha safra para vender sem dar satisfação a ninguém. Ter crédito no banco, que eu não tinha. O principal problema é a falta de água. Estamos no assentamento e só pegamos pessoas idosas com opiniões velhas, gente que nunca estudou, mas agora tá abrindo caminho, a gente tá assistindo curso, ouvindo pessoas falar. Para melhorar é preciso água, saber aplicar os créditos, ter escola, posto médico e fábrica (José Jeová, 43. Terra Nova, município de Morada Nova).

Na unidade familiar, a autoridade do pai é fundamental. A questão patriarcal, por sua vez, está ligada não só à forma de sociabilidade do assentamento, mas também à forte expressão no processo de construção das relações de mando, representação política e organização produtiva. Por exemplo, nos assentamentos Santa Fé (município de Russas) e Terra Nova (município de Morada Nova), as mulheres foram proibidas pelos homens de compor a diretoria da associação.<sup>3</sup> Na maioria das famílias assentadas, o pai tem o controle da produção, o que lhe assegura o governo sobre a família. Para entender o poder de mando que o pai exerce sobre a família a partir do controle do processo de produção, é preciso compreender a casa – seja ela organizada de forma esparsa ou na forma de agrovila – enquanto núcleo simbólico da divisão entre o espaço doméstico e o espaço natural. A casa é o espaço de dentro, espaço conhecido. Assim, a terra é o espaço natural; o desconhecido, o espaço de fora.

A produção dentro do assentamento é um deslocamento que se efetiva para fora da casa, para a roça (espaço público). A direção deste processo é determinada pela figura do homem-pai.<sup>4</sup> Ele controla o espaço produtivo externo à casa, a mulher administra o espaço interno (privado) da casa. Quando ela se envolve em atividades de plantio, colheita ou criação de pequenos animais, estas atividades são consideradas “ajuda” e não trabalho. Quando se solicita nas reuniões, em assentamentos, que as mulheres se apresentem dizendo nome e ocupação, é muito

---

3. Como afirma Freire (1981, p. 93): “Também é característico do regime patriarcal o homem fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela o fraco; ele o sexo nobre, ela o belo”.

4. Assim: “O fato de ser o homem quem define a direção do deslocamento espacial indica que ele também detém o controle do processo como um todo. A mulher, pelo contrário, é remetida a um movimento inverso, de fora para dentro, trazendo para dentro da casa os produtos da roça transformados em mantimento, para torná-los comida, inserida em sua própria direção, a do consumo. Em oposição ao do homem, o movimento da mulher dá-se de um espaço já domesticado por ele para outro espaço, a casa, núcleo simbólico da família” (Woortmann, 1997, p. 37).

comum elas falarem que não fazem nada, só cuidam da casa, que o marido é quem trabalha. Estes depoimentos, em si, são uma demonstração de que o controle do espaço público natural (terras, matas, rios) pelo homem já foi incorporado e aceito pela mulher como uma coisa também natural e correta.

Embora muitas entidades venham desenvolvendo atividades de conscientização sobre relações de gênero nos assentamentos, e mesmo que, em alguns assentamentos, as mulheres desenvolvam papel determinante, principalmente na participação da organização política e social, a reflexão que ora se faz sobre a divisão do espaço produtivo e doméstico não é uma especulação, nem reflete uma visão do passado. Ao contrário, trata-se de atitudes e manifestações do mundo prático da pequena propriedade e dos assentados no Ceará, que puderam ser constatadas a partir da convivência e mediante a aplicação da citada técnica de grupo, a *dinâmica do dinheiro*.

Com a dinâmica do dinheiro,<sup>5</sup> utilizando-se fotocópia de cédulas de R\$ 10 e de R\$ 50, pôde-se obter, de forma subjetiva, o que cada participante classificou como sendo os seus desejos e necessidades imediatas. O mundo simbólico, casa ou roça, ao qual estão ligados, revela, ainda, a diferença de valores entre o feminino e o masculino, os meios necessários para sua melhoria de vida e uma divisão de papéis. A dinâmica aplicada no assentamento Terra Nova, no município de Morada Nova, teve a participação de 30 assentados, sendo 19 homens (63,4%) e 11 mulheres (36,6%). Ao final, foram identificados os pontos a seguir destacados.

1. Existe uma divisão patente entre o espaço produtivo e o espaço doméstico, entre o espaço econômico e o espaço da casa. Esta divisão é definidora de papéis e de relações entre o masculino e o feminino, e sedimenta, no inconsciente e no comportamento, níveis de responsabilidades e desejos. Assim, na tabela de anotações, verifica-se o seguinte: enquanto os homens responderam que gostariam de possuir vaca, carro, dinheiro, comércio, terreno e emprego, as mulheres responderam que desejariam possuir coisas que facilitassem a vida delas no espaço doméstico, objetos como geladeira, televisão, máquina de costura, bicicleta e fogão.
2. Não tendo dinheiro ou possibilidade para realizarem seus pequenos sonhos, por terem acesso somente a pequenas quantias em dinheiro, como R\$ 10 e, eventualmente, R\$ 50 (uma quantia difícil de se adquirir no assentamento em período de seca), o assentado volta-se para necessidades

---

5. A dinâmica com dinheiro tem o seguinte procedimento: primeiro, distribui-se uma folha em branco aos participantes na qual eles escrevem o nome e indicam até três coisas que gostariam de possuir. É explicado que estas coisas devem ser facilitadoras da melhoria de suas vidas. O segundo passo é a distribuição das cédulas. Cada um recebe apenas uma cédula e, neste momento, é ressaltado que eles estão recebendo dinheiro para realizar os seus sonhos. É feita também uma advertência de que se o dinheiro não for suficiente, cabe a eles raciocinarem sobre como fazer a melhor aplicação da quantia recebida. No terceiro passo escrevem nas costas da cédula o que comprariam com o dinheiro ganho. No quarto passo dizem o que queriam possuir e o que comprariam. Em seguida os papéis e as cédulas são recolhidos, abrindo-se um espaço para os comentários dos participantes.

básicas que afetam sua sobrevivência. Assim, com recursos parcos, eles só comprariam: uma feira, carne, um botijão de gás, par de chinelos, remédios e pequenos animais como galinha, ovelha e bacorinho.

3. Assim como o carro e a casa própria são símbolos de desenvolvimento, *status* e prosperidade para pessoas de classe média do meio urbano, o gado e a fartura são os símbolos de desenvolvimento, prosperidade e riqueza para os trabalhadores rurais assentados. Não é à toa que, em qualquer projeto discutido com os assentados, o gado, seja na forma individual ou coletiva, entra como um componente a ser financiado.

TABELA 1

**Tabela de anotações da dinâmica com dinheiro**

Que coisa você gostaria de possuir?	Dinheiro ganho		O que compraria?
	Sexo	Valor (R\$)	
01 – Vacas, carroça com animal e um carro	Masculino	50,00	Duas marrãs de ovelhas
02 – Vaca, cavalo e uma moto	Masculino	10,00	Um par de chinelos
03 – Vaca, geladeira, ovelhas	Feminino	50,00	Um botijão de gás e uma feira
04 – Geladeira e máquina de costura	Feminino	10,00	Uma marrã de ovelha
05 – Vacas, uma forrageira e um transporte	Masculino	10,00	Duas marrãs de ovelha
06 – Vacas, uma geladeira e uma carroça	Masculino	10,00	Um bacorinho
07 – Gado, sapataria e pocilga	Masculino	50,00	Um porco
08 – Uma carroça com animal, gado e carneiro	Feminino	50,00	Duas cabras
09 – Gado, ovelha, carro	Masculino	10,00	Um carneiro
10 – Vaca, cabra, dinheiro	Masculino	10,00	Uma ovelha
11 – Geladeira, vaca, dinheiro	Feminino	10,00	Uma ovelha
12 – Gado, moto, dinheiro	Masculino	50,00	Ovelhas
13 – Vaca, fábrica de queijo e dinheiro	Masculino	10,00	Uma ovelha
14 – Terreno, comércio, emprego	Masculino	50,00	Ovelhas
15 – Gado, ovelha, cavalo	Masculino	10,00	Uma ovelha
16 – Casa, vaca, conforto	Masculino	10,00	Fazer uma feira
17 – Ovelha, vaca, crédito	Masculino	10,00	Uma foice
18 – Fogão, geladeira, vaca	Feminino	50,00	Um fogão de duas bocas e uma feira
19 – Remédio, vaca, dinheiro	Masculino	10,00	Medicamento
20 – Vaca, máquina de costura e uma televisão	Feminino	50,00	Uma feira
21 – Máquina de costura, bicicleta e uma cama	Feminino	10,00	Uma garrafa para café
22 – Máquina de costura, bicicleta e ovelha	Feminino	50,00	Uma ovelha
23 – Vaca, moto e geladeira	Masculino	10,00	Dois quilos de carne
24 – Geladeira, moto, máquina de costura	Feminino	50,00	Uma feira
25 – Casa, máquinas agrícolas e dinheiro	Masculino	50,00	Três ovelhas
26 – Máquina de costura, vaca, dinheiro	Feminino	10,00	Um bacorinho
27 – Vaca, ovelha, carro	Feminino	10,00	Uma marrã de ovelha
28 – Emprego, vaca, transporte	Masculino	10,00	Duas galinhas
29 – Gado, ovelhas e carroça com animal	Masculino	50,00	Dez galinhas
30 – Fazenda de gado, trator e dinheiro	Masculino	10,00	Uma marrã de ovelha

Elaboração do autor.

Depois dos beneficiados pelo Programa Bolsa Família, os assentados do Ceará pertencem ao contingente populacional mais contemplado pela ação social do governo. Os projetos financiados pelo governo federal – desde o governo de FHC, que criou o Programa Nacional de Reforma Agrária, o Programa Cédula da Terra (PCT), o Banco da Terra e o PRONAF, chegando até o governo Lula – vêm alterando as condições de vida dos assentados. Todavia, em alguns assentamentos, o melhor resultado alcançado é a criação de condições mínimas para permanência dos contemplados no campo. Após aplicação de um questionário em 11<sup>6</sup> assentamentos com mais de dez anos de implantação, foi possível sistematizar os principais problemas vivenciados de forma comum em relação ao bem-estar (família, educação e saúde), à economia (produção) e ao exercício da cidadania (organização comunitária).

TABELA 2

**Principais problemas vivenciados pelos assentados**

Família	Educação	Saúde	Produção	Organização
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de união e respeito entre pais e filhos</li> <li>• Alcoolismo</li> <li>• Falta de lazer</li> <li>• Falta de recursos para compra de mantimentos e utensílios não produzidos pelo assentamento</li> <li>• Migração dos jovens para os centros urbanos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Carência de escolas (prédios): a maioria das salas de aula funciona nas casas-sede</li> <li>• Pequeno número de professores</li> <li>• Baixa qualidade dos professores; a maioria dos professores só possui o 5º ano do ensino fundamental</li> <li>• Faltam livros, carteiras e merenda escolar.</li> <li>• Escola distante da comunidade</li> <li>• Maioria das crianças fora da sala de aula</li> <li>• Evasão dos alunos matriculados</li> <li>• Falta de incentivo por parte dos pais para que os filhos estudem</li> <li>• Baixo salário dos professores</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inexistência de posto de saúde</li> <li>• Não há ambulatório de primeiros socorros</li> <li>• Falta de assistência médica</li> <li>• Falta de serviço odontológico</li> <li>• Falta de serviço oftalmológico</li> <li>• Faltam ginecologistas</li> <li>• Faltam remédios nos postos da cidade. Quando existem, são apenas para gripe e verme.</li> <li>• Falta de água potável para beber</li> <li>• Faltam higiene e saneamento básico</li> <li>• Falta de ambulância para transporte de doentes graves</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de crédito e acompanhamento técnico permanente</li> <li>• Escassez de água para produção agropecuária e irrigação</li> <li>• Faltam instrumentos de trabalho</li> <li>• Falta emprego para os jovens</li> <li>• Faltam sementes selecionadas; quando chegam, é com atraso e em pequena quantidade.</li> <li>• Persistência das práticas tradicionais, como queimadas e corte de madeira</li> <li>• Prática da agricultura de sobrevivência baseada nas culturas de milho, feijão e mandioca</li> <li>• Exiguidade de transporte para circulação de produtos e pessoas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falta de credibilidade de uns assentados com os outros</li> <li>• Falta de capacidade da comunidade para conduzir sua associação</li> <li>• Falta de capacidade e experiência para gerir os projetos financeiros</li> <li>• Falta de interesse de alguns associados pelas reuniões</li> <li>• Falta de transparência das lideranças na condução dos projetos</li> <li>• Ausência de explicação e prestação de contas sistemática dos recursos financeiros</li> <li>• Acumulação de trabalho nas mãos do presidente</li> <li>• Falta de comunicação sistemática entre diretoria e sócios</li> </ul>

Elaboração do autor.

6. Os questionários de levantamento dos principais problemas vivenciados pelos assentamentos foram aplicados nos seguintes assentamentos: Maceió e Escalvado (Itapipoca), Sabiaguaba (Amontada), Várzea do Mundaú (Trairi), Ipanema (Alto Santo), Pachicu (Itarema), Juazeiro (Independência), Torta (Camocim), Córrego do Quixinxé (Ocara), Jacurutu (Canindé), e Lagoa do Mato e Camará (Aracati).

Os problemas comuns ligados ao bem-estar (família, educação e saúde) podem ser creditados à omissão dos governos municipais quanto à viabilização de mecanismos concretos para que se atendam as demandas por serviços básicos. Todavia, constata-se a não mobilização dos assentados no sentido de pressionarem o poder local para que tais demandas sejam atendidas. Todas as suas reivindicações são dirigidas ao Incra, numa relação que revela a falta de compreensão política de seus direitos no que concerne à competência do poder local, ou, às vezes, por este se mostrar o caminho mais fácil a ser seguido para atendimento das demandas. Por sua vez, o poder municipal julga que o assentamento é de pura responsabilidade da esfera federal. Em algumas localidades, a relação com o poder municipal vem se alterando. O assentamento Cachoeira do Fogo, por exemplo, no município de Independência, tem uma boa relação com a prefeitura. Por seu turno, no município de Amontada, a relação entre o assentamento Sabiaguaba e a prefeitura é conflituosa.

O camponês cearense foi acostumado a pensar sua sobrevivência de forma individual ou familiar. A ação política coletiva que acontece durante a luta pela posse da terra não se repete na dimensão econômica. O trabalhador não confia na produção coletiva quando o que se põe em jogo é sua sobrevivência alimentar, pois é de sua responsabilidade individual a manutenção da feira semanal e da reprodução das condições de vida durante todo o ciclo agrícola. Apostar no coletivo ou em outra forma de produção, que não a individual, é não se autodeterminar<sup>7</sup> (e isto não pode ser confundido com individualismo), é entrar numa relação de sujeição (seja ao patrão, seja à comunidade). Assim, ele só se aventura nestas formas de produção quando tem seu espaço de terra garantido para a manutenção de sua família. Os assentados que escolheram o coletivo puro como forma de produção geraram muitos problemas; onde coexiste a forma mista, do individual com o coletivo, esta não funciona muito bem.

#### **4 A LÓGICA MATERIAL E SIMBÓLICA NA AGRICULTURA FAMILIAR**

É comum, nos documentos de instituições governamentais e até mesmo em alguns documentos produzidos por representações dos trabalhadores, organizações não governamentais (ONGs) e escritórios de elaboração de projetos, a concepção de que os assentamentos são uma unidade jurídica, política e econômica, ou seja, uma área de terra limitada (espaço físico-geográfico) que comporta uma unidade produtiva organizada sob o comando dos assentados. Acredita-se que os assentamentos, como unidades produtivas, são potencialmente capazes de evoluírem para unidades

---

7. "Invocar a existência de uma realidade social transcendente aos indivíduos pode corresponder, na arena dos embates ideológicos, ao primeiro passo de um caminhar que costuma desembocar na supressão da liberdade em nome da pretensa redenção dos coletivos" (Oliva, 1994, p.33).



empresariais, ou seja, são capazes de se integrarem ao mercado na condição de produtores e gestores de atividades mercantis. Para atingirem tal finalidade, devem ser apoiados por uma ação articulada entre crédito, capacitação e assistência técnica.

Para o raciocínio lógico-formal, com o qual nos acostumamos a pensar no cotidiano, tudo está coerente: os assentados conquistaram a terra, aos poucos vão conquistando créditos e equipamentos agrícolas, e faltam agora novos conhecimentos e tecnologias, ou seja, assistência técnica e capacitação. O raciocínio conclusivo é que, ao final, teremos como resultado o desenvolvimento e a prosperidade. Mas, na realidade, as coisas são assim? Será que a visão tecnicista empregada nas formulações dos projetos e programas de assistência técnica e capacitação é suficiente para promover o desenvolvimento e a prosperidade? Será que seus diagnósticos levam em conta a maneira como o camponês age diante do mundo? Será que são considerados os sentimentos e os cálculos com que os camponeses operam na condução de suas práticas?

No contato com alguns assentamentos que receberam investimentos para aplicação em equipamentos e infraestrutura produtiva, observou-se<sup>8</sup> o uso inadequado de tratores, máquinas e caminhões; abandono de equipamentos e peças em local não apropriado; desperdício de produção excedente; pagamento de mercadoria antes de esta ser recebida e conferida; e compra de mercadoria sem nota fiscal. Será que estes comportamentos se justificam somente pela falta de assistência técnica, capacitação e pelo baixo nível de escolaridade que persiste no meio rural?

Ao ignorar as aspirações e a lógica material e simbólica de exploração da terra pelos assentados, os projetos de desenvolvimento não são assimilados e as mudanças de comportamento não acontecem. A ideia de transformar os assentamentos numa unidade empresarial não é uma aspiração dos assentados do Ceará. A cultura vigente tem um comportamento sem ambição de mercado: a produção de sobrevivência em áreas de sequeiro e a produção de culturas sem valor de mercado, mas com grande valor de uso. Pois, se a ideia de transformar os assentamentos numa unidade empresarial se choca com a cultura sedimentada na consciência dos assentados, como, em nível prático, se efetivariam a convivência com esta ideia e sua aceitação pelos assentados?

Neste caso, não se consideram as necessárias alterações que as inovações técnicas exigem ou provocam nos procedimentos de associações e de gerenciamento; e muito menos no domínio de valores e dos comportamentos individuais e coletivos. Essa "aceitação", que se dá apenas no nível do discurso, e que corresponde apenas a um comportamento de submissão ou de oportunismo, logo esgota suas escassas potencialidades para dinamizar as possibilidades de desenvolvimento e de operar as transformações mais

---

8. No assentamento Maceió, no município de Itapipoca, o desprezo pelos equipamentos pode ser classificado como descaso. O Banco do Nordeste do Brasil (BNB) chegou, até mesmo, a fazer uma investigação para apurar desvio de recursos dos projetos.

profundas. Muitos dos casos de “aceitação” se transformam em sucessos efêmeros e viram vitrines temporárias<sup>9</sup> para os visitantes incautos ou crédulos. E quando o fracasso mostra sua face, as explicações também costumam ser parciais e superficiais. Sem estarem ancoradas em análises suficientemente criteriosas, elas apontam para justificativas arbitrárias: fatores estruturais fora da capacidade imediata de influência dos trabalhadores e técnicos; ou o imprevisível comportamento de algum indivíduo (Araújo, 1995, p. 11).

A unidade econômica de produção familiar assentada é portadora de peculiaridades no que diz respeito à sua forma de reprodução material e de tratar a questão da finalidade de produção, que, como prática social, orienta-se pela exigência de satisfazer necessidades de consumo. Sendo o consumo de alimento uma necessidade diária e prioritária, o pequeno produtor tem seu cálculo econômico representado pela feira semanal. A situação ideal é que a produção familiar possa ser suficiente para suprir a feira semanal durante todo o ciclo agrícola.

Na unidade familiar, o cálculo do esforço necessário para a produção e dos bens a serem consumidos pela família são determinados pelo chefe de família, ou seja, o pai. Este cálculo econômico tem como lógica a retirada do roçado – terra disponível para o trabalho familiar – de uma quantidade de produtos suficientes para o consumo da casa e para a reprodução das condições de produção e de consumo dos anos seguintes.

A maior parte do roçado é dedicada ao cultivo para o consumo de alimentos: logo, uma baixa produtividade, devido a uma seca ou à presença de praga na lavoura, pode implicar privações e pôr em risco a capacidade de reprodução agrícola do ano seguinte. Por isso, na cabeça do pequeno produtor, ao escolher os tipos de cultivo que vai realizar, está claro que a produção tem que ser suficiente para o abastecimento alimentar. Segundo Heredia (1979, p.124):

O predomínio no roçado de cultivos que podem ser autoconsumidos e/ou vendidos possibilita ao pequeno produtor enfrentar as flutuações de preços, situação que escapa ao seu controle. É exatamente o caráter alternativo que estes produtos possuem que determina sua escolha para o plantio, embora possam coexistir com cultivos destinados exclusivamente à venda.

Um dos produtos que exemplifica bem o caráter de alternância<sup>10</sup> é a mandioca, pois ela pode ser: *i*) armazenada na terra por um período que ultrapassa o ciclo agrícola; *ii*) colhida em pequenas quantidades; e *iii*) transformada em

9. Um exemplo de assentamento no Ceará que virou vitrine temporária foi o de Santana, no município de Monsenhor Tabosa. Os vídeos, relatórios e material de propaganda que registraram o seu sucesso servem como comprovação de pertinência da reflexão ora realizada.

10. Segundo Seu Pedro, um informante citado por Heredia (1979, p. 126): “A roça é uma lavoura que espera pelo tempo. Ela é a única que espera pelas necessidades da gente(...) colhe algodão, vende e acaba logo o dinheiro. Colhe o cará, vende e acaba logo o dinheiro. Mas a roça fica enterrada, quando ela está barata e não dá para ninguém fazer nada, a gente limpa ela, deixa lá, então que não precisa vai dar outro ano pra ela. Então quem pode espera quando ela dá muito preço [e] arruma muito dinheiro”.

farinha para o consumo direto e para a venda. No Ceará, entre plantar cajueiro anão precoce, acerola ou mandioca, o agricultor vai preferir, pelo seu caráter alternativo, a mandioca.

Assim, o cultivo da mandioca, que num cálculo de economia clássica aparece como algo não lucrativo, pois seus custos de produção são bem mais elevados que seu retorno mercantil, dentro da lógica do agricultor de base familiar participa de uma estratégia econômica não capitalista que lhe possibilita articular sua reprodução material semanal e enfrentar as incertezas do ciclo agrícola. Para ele, a mandioca representa uma poupança, uma reserva que lhe permite enfrentar as conjunturas externas, mantendo a sua condição de pequeno produtor independente.

Na exploração agrícola do assentamento, os indivíduos não recebem salário – obtêm como resultado de um ano de trabalho uma quantidade  $x$  de produtos como renda. O salário, como categoria econômica utilizada na economia capitalista, está ausente no sistema econômico de base familiar. Para calcular, neste sistema, a única renda possível, deve-se acrescentar a esta quantidade  $x$  os bens materiais que a família adquiriu ao longo do ano e deduzir o dispêndio material no transcurso do mesmo período.

A quantidade de produto do trabalho é determinada pelos seguintes fatores: tamanho da terra disponível para plantação, composição familiar (número de homens, mulheres e crianças) e produtividade da unidade de trabalho, ou seja, o número de membros capazes de trabalhar e o grau de autoexploração (grau de esforço) da família. A partir de estudos empíricos, Chayanov (1981, p. 139) estabeleceu a seguinte tese: “o grau de autoexploração é determinado por um peculiar equilíbrio entre satisfação da demanda familiar e a própria penosidade do trabalho”. O *ponto de equilíbrio* é bastante variável, podendo, contudo, ser calculado da seguinte maneira:

(...) de um lado, pelas condições específicas reais de produção da unidade, sua situação de mercado, e pela localização da unidade em relação aos mercados (que determina o grau de fadiga do trabalho); e de outro, pelo tamanho e composição da família e a premência de suas necessidades, que determina a avaliação do consumo.

A lógica que orienta a exploração da terra é a busca do equilíbrio interno, que se traduz na aplicação do trabalho familiar para atingir um maior rendimento possível. Este maior rendimento não é obtido por meio do cálculo aritmético do máximo lucro possível numa dada situação de mercado, embora a estrutura orgânica da economia familiar tenha de utilizar a situação de mercado e as condições naturais dadas, mas se realiza mediante comparações internas de avaliação subjetiva. Em outras palavras, pode-se dizer que a estrutura interna

da economia nos assentamentos orienta-se pela seguinte lógica: aumento da quantidade de produtos para consumo com um menor esforço.

Por que será que depois de tanto investimento financeiro, técnico e em capacitação, em alguns assentamentos no Ceará os resultados são insatisfatórios ou até mesmo negativos? A resposta está na desconsideração da lógica material e simbólica que orienta a exploração da terra por parte dos assentados, ou na crença de que esta lógica sedimenta apenas uma mentalidade tradicional e economicamente atrasada. Daí que,

comumente, a atenção dos assessores, das instituições e dos programas está voltada apenas para assegurar que suas proposições técnicas sejam aceitas, aprendidas e aplicadas. Esta atitude é tão disseminada que é possível afirmar que ninguém se lembra de perguntar sobre como o impacto, a aceitação e a viabilidade das mudanças de caráter técnico-político englobam transformações no campo dos valores e atitudes e das concepções dos trabalhadores. É como se neste, ao contrário dos demais, houvesse apenas o vazio. Ou existindo alguma coisa, pudesse ela ser simplesmente substituída por outra, melhor, mais moderna. É como se não houvesse nenhuma relação entre técnicas, máquinas, processos, imaginação e símbolos (ARAÚJO, 1995, p. 9).

O resultado dessa postura técnica é que os assentados continuam integrados ao mercado apenas como consumidores; os recursos dos investimentos acabam servindo muito mais para dinamizar o mercado das indústrias de insumos, de máquinas e equipamentos – ou seja, o assentado aumenta o seu consumo de recursos técnicos, mas continua condenado a uma condição de vida baseada na agricultura de sobrevivência.

Para entender, no cotidiano, as relações de poder e dominação nos assentamentos cearenses, é preciso distinguir a diferença entre a esfera da comunidade (espaço de organização natural) e a esfera da sociedade civil (espaço de organização institucional). Dentro dos assentamentos no Ceará, a esfera da sociedade civil ainda é muito débil ou gelatinosa; como diz Gramsci, confunde-se com a esfera comunitária.

A esfera comunitária ou comunidade é um espaço no qual se estabelecem relações que definem a linha do *ser*. As pessoas participam dela pelo que são. É na esfera comunitária que se dão as relações primárias do próprio ser: a amizade, o parentesco, a afetividade e a sexualidade, as festas, o lazer, as crenças e as tradições culturais, e as várias formas de violência. A função maior da esfera comunitária é determinar a forma de sociabilidade possível a partir da ação cotidiana dos seus membros.

A esfera da sociedade civil é um espaço em que se estabelecem as relações na linha do *ter*. Sua função é a vivência cívica voltada para a conquista de direitos, a superação de carências materiais e a realização de interesses individuais e coletivos.

As pessoas dela participam colocando em comum algo que possuem: trabalho, tempo livre, capacidade técnica, influência política, dinheiro, crenças religiosas, conhecimento etc.

A esfera da sociedade civil, mesmo gelatinosa, é, ainda, um espaço criado para responder à necessidade de reconhecimento, reflexão e ação. Pode ser uma associação, um grupo de jovens, um grupo de trabalho, uma cooperativa, uma comissão de crédito, um conselho gestor de uma escola ou de um posto de saúde, entre outros. Nela, o poder pode ser exercido de várias formas: pela confiança adquirida, capacidade de acesso à informação, dedicação de tempo a serviço da comunidade, capacidade de propor e aprovar determinadas decisões; capacidade de impedir que determinadas propostas aprovadas sejam executadas; capacidade de mediação entre os interesses do assentamento e os daqueles que vêm de fora – sejam técnicos privados ou públicos, liderança sindical, membro do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e outros –, pelo conjunto de seus membros que chegam ao consenso e dissenso.

Uma grande parte dos problemas que enfrentam os assentamentos é causada ou aprofundada pela debilidade de seus espaços institucionais, principalmente de suas associações. Quem tem familiaridade com os assentamentos do Ceará pode constatar com facilidade que muitos técnicos e lideranças, por impaciência ou postura política, não respeitando o ritmo e os limites dos assentados, acabam estabelecendo a pauta das reuniões e os tipos de projetos, e passam a coordenar as reuniões das associações, numa clara substituição de papéis e usurpação de lugar e poder.

A vivência democrática exige uma grande ação pedagógica e o respeito ao outro. O ato de respeitar o ritmo do assentado no seu aprendizado cívico, na sua forma de deliberar, por intermédio do diálogo em seus espaços de moradia e trabalho, exige muita atitude de firmeza e paciência histórica. O que ocorre é que, muitas vezes, o ato de levantar o braço numa reunião pode servir, aos que “arrumam o circo”, como argumento de que a matéria ou o projeto aprovado é legítimo porque foi votado pelos trabalhadores (comunidade). Contudo, quando algo sai errado, quando um projeto não é adequado à realidade, a culpa é do individualismo, da falta de compromisso e da falta de capacidade de gestão dos assentados. É preciso identificar bem cada caso para que este discurso não mascare uma relação de dominação e poder que se torne prejudicial ao desenvolvimento sustentável dos assentamentos.

## 5 CONCLUSÕES

A forma tradicional de trabalho dos assentados não é vazia de saber. A agricultura praticada por eles é precedida de um saber que muitos chamam de tradicional, costume, crença. Todo processo produtivo – broca, destocamento, queimada,

limpa, colheita, conserto de cerca – é conduzido por um conhecimento empiricamente acumulado e atualizado. Portanto, qualquer tentativa de alterar o processo produtivo dos assentados não pode ser feita de forma abrupta. Um conhecimento técnico não pode ser transmitido de imediato, ignorando-se o saber acumulado pelos assentados. A partir do momento em que houver por parte dos técnicos, elaboradores de projetos e orientadores de projetos a devida paciência histórica, pedagógica e técnica para identificar e compreender o saber sedimentado no imaginário social dos assentados, estará se abrindo a possibilidade para acontecerem várias simbioses entre saberes diferentes (da tradição, da técnica e da inovação), no rumo de uma melhor qualificação dos padrões produtivos e administrativos que possam conviver com as mudanças de uma economia em processo constante de globalização.

O êxito do desejo de transformar os assentamentos em unidades empresariais passa pela compreensão do imaginário social sedimentado pelo mundo vivido na agricultura de base familiar. É importante que o ato de introduzir novas culturas e novos conhecimentos para produção, gestão e organização agite este imaginário social, confrontando-o. Nele a visão de mundo dos assentados (crenças, desejos, sonhos, religiosidade, concepção de qualidade de vida e riqueza, valores morais, sentidos da vida e da morte) é formulada. Esta dimensão estruturada é também estruturante (BOURDIEU, 1989), porque é a partir daí que os seres humanos orientam suas vidas, incorporam novidades, convivem com elas, desprezam-nas ou as temem. Ao mesmo tempo que é preciso ligar os assentados ao processo de assistência técnica e capacitação, faz-se necessário saber como introduzir na sua base cultural a necessidade do lucro como objetivo a ser alcançado, valorizar o desempenho pessoal e criar uma base mínima de competição produtiva para tornar o mercado um objetivo a ser alcançado.

Os trabalhadores rurais assentados têm um imaginário social voltado para suas necessidades imediatas, seus sonhos são fáceis de serem realizados, pois eles sonham com poucas coisas. Um projeto sério, democrático, que tenha origem no desejo e na opinião deles pode evitar o gasto de recursos públicos com projetos de escritório, que não envolvem os assentados no processo de mudança da sua qualidade de vida material e cultural.

Os assentamentos no Ceará não podem ser abstraídos da economia nacional e internacional. Portanto, não estão imunes aos apelos do trabalho assalariado, ao mercado de consumo e aos valores urbanos. Assim, numa forma de intervenção que venha provocar mudanças, mediante, por exemplo, políticas públicas (agrárias e agrícolas), deve-se abrir a possibilidade de se construir um conjunto de ações que possibilite o equilíbrio interno, faça parte da lógica camponesa e, ao mesmo tempo, promova a integração da agricultura familiar ao restante da economia.

Uma intervenção responsável pode gerar um assentado que combina atividades agropecuárias com outras não agrícolas (turismo ecológico, lazer, serviços, bens de saúde etc.). A partir do momento em que a pequena agricultura familiar diminuir a autoexploração, o pequeno produtor poderá ter a opção e o tempo para a pluriatividade. Em alguns assentamentos, como o do Coqueirinho, no município de Fortim, o processo de pluriatividade acontece pela integração à “Rede Tucum de Turismo Comunitário e Solidário”. Nesse caminho, ser livre ou sujeito será tomado em relação a outros pontos e perspectivas abertos por uma conjuntura sobre a qual agora não se tem domínio.

### REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, J. E. C. **Valores e atitudes dos assentados rurais no contexto das mudanças necessárias em seus sistemas produtivos e organizativos**. Fortaleza, 1995. (Mimeografado).
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.
- CHAYANOV, V. A. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. In: SILVA, J. G.; STOLCKE, V. (Orgs.). **A questão agrária**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- FREIRE, G. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Ed., 1981.
- HEREDIA, B. M. A. **A morada da vida – trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- OLIVA, A. **Conhecimento e liberdade – individualismo X coletivismo**. Porto Alegre, Edipucrs, 1994.

### BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ABRAMOVAY, R. **Paradigma do capitalismo agrário em questão**. São Paulo, Hucitec/Ampocs, 1992.
- WOORTMANN, K.; WOORTMANN, E. F. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília, UnB, 1997.

